

Raízes históricas

SEÇÃO 1: O PAPA DE PAPEL?¹

Poucas afirmações são mais superficiais que esta: os reformados substituíram o papa vivo por um papa de papel. Da servidão a uma pessoa detentora de autoridade, alega-se, eles passaram a servir a um livro; ao fugir de um jugo, colocaram outro sobre si, o senhorio de um livro condicionado pela história.

Essa crítica está distante da realidade. O centro do grande debate entre católicos e reformados não dizia respeito à autoridade das Escrituras como tal, que ambos aceitavam. Para ser exato, havia desacordo em relação a certos pontos: a extensão do cânon — os católicos mantinham a canonicidade dos Apócrifos; os princípios da hermenêutica — os

¹ Sobre a posição de Calvino: ver *Institutas* I.VII, VIII e IX; e *Carta a Sadoleto*. A obra mais completa sobre a doutrina de Calvino relativa ao testemunho do Espírito é *Das Wirken des Heiligen Geistes nach Calvin*, de Werner Krusche. Outros trabalhos relevantes são: *Calvin and Augustine* (Benjamin B. Warfield), *The Theology of John Calvin* (Wilhelm Niesel), *The Holy Spirit in Christian Theology* (George S. Hendry) e *The Problem of Authority in the Continental Reformers* (Rupert E. Davies).

católicos mantinham a validade do método escolástico; e o relacionamento da igreja com as Escrituras — os católicos faziam da igreja a custodiante e, portanto, senhora das Escrituras; mas, sem dúvida, cada parte a seu modo reconhecia a autoridade do livro.

A verdadeira batalha de vida ou morte repousava sobre dois pontos: a relação das Escrituras com a igreja e a fonte da certeza cristã de que as Escrituras são a Palavra de Deus. Em relação ao primeiro ponto, Calvino colocou as Escrituras acima da igreja, enquanto o romanismo colocava-as abaixo da igreja. Calvino insistia que a igreja é governada pela Palavra e pelo Espírito; portanto, deve se sujeitar às Escrituras. Toda a tradição e a hierarquia eclesiástica devem se submeter a esse senhorio. Em relação ao segundo ponto, Calvino restituiu à voz da igreja que supostamente nos diz com grande certeza que as Escrituras são a Palavra de Deus, com o *testemunho interior do Espírito Santo*.² A própria Bíblia ensina, afirmou Calvino, que quando Deus concede sua revelação ele outorga com ela a certeza de que *é* revelação. Ao falar da revelação concedida aos patriarcas, Calvino asseverou que Deus os persuadiu e impressionou internamente de tal maneira que estavam convencidos de que a doutrina recebida por eles provinha de Deus (*Institutas* I.VI.2). A estrutura particular dessa persuasão, dessa firme convicção, é o testemunho interior do Espírito Santo, o *testimonium Spiritus Sancti*.

Não se sabe de onde Calvino derivou essa doutrina. Ela aparece em forma embrionária na primeira edição das *Institutas*, de modo que podemos inferir que não assumiu sua fé protestante com essa doutrina plenamente desenvolvida.

² Ao longo de todo este livro, a palavra *testimonium* se referirá a toda a expressão.

Rupert E. Davies sugere que a teoria calvinista do *testimonium* consistiu em uma dedução proveniente da experiência da conversão.³ Jacques Pannier afirma que Calvino não a derivou do estudo dos patriarcas ou escolásticos, mas de seu diligente estudo das Escrituras.⁴

Ao desenvolver a doutrina do *testimonium*, Calvino se deparou com três teorias alternativas. A certeza cristã seria explicada pelo romanismo como um dom da igreja infalível para o crente católico. Os entusiastas, ou fanáticos, encontrariam a certeza da fé na revelação direta do Espírito Santo — revelação que não se limitaria ao conteúdo das Escrituras. E alguns apologistas asseguravam ser capazes de demonstrar o caráter verdadeiro da fé cristã por meio de evidências puramente racionais. Calvino encontrava-se insatisfeito com as três teorias, e desenvolveu a teoria do *testomonium* em oposição a elas.

Ele se opôs aos cristãos apologéticos racionalistas por várias razões.⁵ Para começar, as Escrituras não concordam com o método, uma vez que os profetas e os apóstolos não apelam para argumentos racionais, mas ao sagrado nome de Deus (I.VII.4). A apologética racional fornece a certeza humana onde apenas a certeza divina é aceitável (I.VII.4). As provas são suposições, produto de disputas, e a mente humana sempre permanece em suspense com elas. Calvino afirma: mesmo que debatesse com um homem e o convencesse da veracidade da fé, o homem não teria nenhuma convicção (I.VIII.1).

³ *Op. cit.*, p. 100.

⁴ *Le témoignage du Saint-Esprit*, p. 70-2.

⁵ Cf. *Institutas* I.VIII: “Provas racionais para estabelecer a crença na Escritura”. Esse é um dos pontos mais debatidos atualmente nos estudos sobre Calvino.